

SAUDAÇÃO AO PROF. DR. SEGISMUNDO SPINA, NA OCASIÃO EM
QUE RECEBEU O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO NA
FFLCH DA USP

Dino Preti*

Entendeu o DD. Diretor desta Faculdade, Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira, que fôssemos nós, em nome da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, o encarregado de saudá-lo, Prof. Spina, no momento em que recebe uma das mais altas honras que esta Casa atribui a seus colaboradores, o título de Professor Emérito.

O convite muito nos envaidece, mas a tarefa não se nos afigura fácil, apesar de termos convivido desde os anos 50 e, boa parte do tempo, trabalhando na mesma sala. A memória, porém é traiçoeira, muito embora uma de suas características seja fixar, tornar indelévels os momentos mais agradáveis e significativos de nossa existência, bem como as pessoas que mais estimamos ao longo dela. E contamos ser este convívio uma das experiências e uma das lembranças mais caras de nossa vida.

Por outro lado, senhores, entendemos que os limites desta sessão impedem de nos determos com muitos pormenores sobre a personalidade tão complexa do nosso homenageado, como homem, como professor, como pesquisador e escritor. Limitemo-nos a dirigir nossa memória para os momentos de nossa vida profissional em que tivemos o privilégio de conviver com ele, como aluno, como colega, como amigo. E o fazemos, pois, na forma de um depoimento pessoal, ao correr das lembranças.

Começamos à maneira cinematográfica, desfocando as lentes da cena presente e regulando-as num "flash-back" para os idos de 1952, ano em que Segismundo Spina, que se formara em 1946 em Letras Clássicas, foi indicado para assistente da então cadeira de Literatura portuguesa, em substituição a Antônio Soares Amora, e ano em que frequentávamos as aulas de Literatura Portuguesa do curso noturno de Letras Clássicas. Os alunos eram poucos, bem poucos, a convivência era maior com os professores. Convivência de que nos orgulhávamos com Isaac Nicolau Salum, Theodoro Henrique Maurer, Robert Henri Aubreton, Urbano Canuto Soares, Mario Sousa Lima, Fidelino de Figueiredo, Armando Tonioli,

(*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP.

Francisco da Silveira Bueno, José Aderaldo Castelo, Antônio Soares Amora, Segismundo Spina.

É com emoção que vemos a nossa história começar, nas suas origens universitárias, quando Segismundo Spina trabalhava nos cursos de graduação de Literatura Portuguesa. A câmera da memória nos traz de volta sua figura de professor, de medievalista, introduzindo-nos na literatura e na arte medieval, mas também analisando autores de outras épocas, até então nunca estudados no curso, como D. Francisco Manuel de Melo, grande poeta barroco – uma de suas velhas paixões de pesquisador, ou Sórora Mariana de Alcoforado, em aulas que fascinavam seus alunos pelo preparo apurado dos textos, pela organização. Em todas estas "cenas" do passado o vislumbramos como o ator correto, cumprindo com firmeza o seu papel, na precisão da linguagem, na erudição que antecipava o escritor, o pesquisador infatigável do passado literário. Impressionava pela assiduidade, pela pontualidade, pela maneira como tomava todos os momentos da aula, que se revelavam insuficientes para a matéria que apresentava com segurança e convicção. Realizava-se pela aula. Tinha o hábito de não só indicar leituras, mas motivá-las, incentivando seus alunos a procurarem os livros, a enriquecerem suas bibliotecas particulares. Não existia, então, a pirataria oficializada da xerocópia e alguns, como nós, formaram boa parte de sua biblioteca de letras, graças a esse trabalho estimulante do professor. Sempre se revelou extremamente exigente, e ao longo de sua vida profissional pugnou por manter os cursos da Faculdade dentro do que considerava "um alto nível". A esse respeito nunca fez concessões. Corrigia cuidadosamente os trabalhos, chegava a ser compreensivo com o esforço dos alunos, generoso no elogio, mas implacável na crítica.

Mas revolvamos a memória e o fixemos oito anos mais tarde, por volta de 1960, época em que criou a disciplina de Camonologia, em nível de Pós-Graduação. Era seu sonho realizar um centro de estudos da obra do poeta português, Camões, que revivesse a tradição dos estudos clássicos e humanísticos, clima em que a própria Faculdade de Filosofia se fundara, e que viesse a produzir um grupo de pesquisadores altamente qualificados. De fato, assim o fez e modestamente nos incluímos entre seus alunos de Pós-Graduação que conseguiram realizar sob sua exigente orientação crítica a dissertação de mestrado. Trilhamos pela sua mão competente os árduos caminhos da historiografia medieval e renascentista, assunto em que também era especialista. Esmerava-se na assistência ao trabalho de pesquisa, emprestava obras raras de sua biblioteca particular, encaminhava-nos na leitura dos microfimes que possuía de manuscritos da crítica camoniana. Revelava-se um perfeccionista no exame dos textos que produzíamos. Nada escapava à sua argúcia. Exigia sempre e sempre mais. Criava, talvez sem o pressentir, a mesma insatisfação crítica em seus alunos, levando-os a perseguir resultados melhores, condição que, conforme sabemos, é indispensável ao verdadeiro pesquisador científico e ao escritor. A vida profissional de muitos de seus discípulos, como

nós, veio demonstrar que estava certo, pois o elogio fácil causa a satisfação enganadora, a autosuficiência, pecados capitais de qualquer pesquisador.

Não era um professor fácil. Nunca procurou a aproximação demagógica junto a seus alunos. Reconhecia sabiamente que eram gerações diferentes. Mas poucos como ele tiveram tanto respeito pelo aluno, dedicando-se inteiramente às suas aulas e a seu trabalho de orientação.

Segismundo Spina, todos o sabemos, é um homem cuja formação tem sólidas raízes na cultura clássica, como muitos de seus companheiros de geração. Foi coerente com esses valores. Repudiava e ironizava – e sua ironia sempre foi temida – os modismos culturais que se anunciavam com tanta intensidade na década de 60. Era avesso ao nominalismo enganador, às expressões de época, ao jargão da crítica e da Linguística. Sua *Introdução à poética clássica*, de uma clareza raramente encontrada nos teóricos, é um modelo de manual acadêmico, pela maneira didática como aborda fenômenos altamente complexos, como o da *mimesis* literária, por exemplo. Num ambiente cultural como o brasileiro, onde o novo pelo novo sempre seduziu as gerações na universidade, mostrava-se um moderado, embora nunca tivesse sido um indiferente às transformações culturais.

Desde a criação da disciplina de Camonologia, em '60, empenhara-se Segismundo Spina em congregar em torno de uma revista crítica sobre Camões, os estudos de alunos dos cursos, com o objetivo de incentivá-los, iniciando-os na publicação de resenhas, documentações, levantamentos bibliográficos e artigos críticos. Mas quando a idéia da *Revista Camoniana* tomou corpo, além desse tipo de contribuição, a que suas páginas sempre estiveram abertas, veio se juntar a colaboração de grandes nomes da crítica internacional. Como editor responsável, Segismundo Spina cuidava de tudo, com o perfeccionismo que o caracterizava.

A trajetória da *Revista Camoniana* foi feita de glórias e pequenas misérias e, como todas as histórias de revistas literárias no Brasil é uma história triste. De um lado, o bom nível das colaborações, seu renome internacional, o cuidado gráfico de sua elaboração, o trabalho beneditino de seu idealizador, que chegava, como depôs comovidamente Maria Helena Ribeiro da Cunha durante o último Congresso Camoniano, a zelar até pelo empacotamento da revista, em geral remetida às suas expensas; de outro, a indiferença da instituição, a falta de recursos, de subvenções, a exiguidade de pessoal para manter seu complexo de divulgação. E, assim, melancolicamente, em 1971, Segismundo Spina interrompia a publicação, num amargo prefácio ao terceiro número. Somente, em 1979, oito anos depois, pôde ela renascer, graças aos esforços de uma sua discípula, nossa colega Maria Helena Ribeiro da Cunha.

Fechemos de novo a lente de nossa câmera, para a abrimos em seguida, num novo "take" de nossa memória, num outro momento do passado, em que também partilhamos, embora como ator coadjuvante, da história de nosso homenageado. 1969. Com a aposentadoria de Francisco da Silveira Bueno, Segismun-

do Spina é indicado como titular em caráter precário dos cursos de Filologia e Língua Portuguesa, cargo em que se efetivaria, por concurso, a partir de 1973.

É o novo e grande desafio de sua carreira nesta Universidade. Mas para isso já se preparara, não só por ter da Filologia uma visão avançada, mas também por perceber que a crescente massificação do ensino universitário na década de 70 exigia também uma reformulação dos programas vigentes de língua, a abertura de novas frentes de estudo, que atendessem, pelo menos em parte, a uma melhor formação do pessoal para o ensino médio. E já reconhecia então que o grande papel reservado à Filologia estaria nos cursos de Pós-Graduação.

Falamos em Pós-Graduação... História puxa História...

Fazia parte dos planos de Segismundo Spina a criação dos cursos de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa. Em 1973, escrevia ele:

"... o ensino de Filologia não ultrapassa o conhecimento da história da língua, em moldes estreitos e sem alcance prático e científico.

Entendida agora a Filologia mais como um método do que como uma ciência, a sua aplicação no campo da investigação textual – através da Edótica – permitirá não só despertar nas futuras gerações uma consciência altamente crítica perante os textos literários e outras formas de documentação, como preparar uma equipe de filólogos para realizar o que hoje se fez e faz esporadicamente ou por meios puramente empíricos: a publicação de edições críticas de textos portugueses e brasileiros."

Assim pensou e assim se fez.

Começaram, pois, os cursos na área, do qual surgiriam importantes trabalhos críticos. A princípio, Segismundo Spina, Rolando Morel Pinto, Felipe Jorge e professores convidados da UNESP, Francisco da Silva Borba, Ataliba Teixeira de Castilho. A estes nomes, gradativamente outros se juntaram e, à medida que os doutorados se faziam na área, os cursos de pós-graduação se enriqueciam com temas e direções diversas.

Apesar dos recursos precários oferecidos pela Universidade durante os anos de ditadura militar, conseguiu Segismundo Spina reunir original material iconográfico, destinado a suporte de seu curso de Filologia, na Pós-Graduação, sobre Idade Média. Todo um levantamento da vida e da arte medieval, na sua visão crítica de grande medievalista, foi realizado em diapositivos, num trabalho absolutamente inédito em todo o Brasil, infelizmente, e por razões diversas, pouco conhecido.

Quanto à sua atuação à frente da área de Filologia e Língua Portuguesa, é difícil sintetizar. Mas gostaria de lembrar que foi um titular que exerceu seu tra-

balho em várias frentes, coordenando os cursos de graduação e pós-graduação, ministrando aulas em ambos, orientando dissertações e teses, respondendo por todas as tarefas burocráticas do cargo, preocupando-se em estimular seus companheiros de disciplina a cumprir as etapas da carreira universitária, aceitando orientá-los, e produzindo, ao mesmo tempo, uma variada obra escrita, com importantes ensaios críticos e trabalhos destinados especificamente à bibliografia universitária de Letras, em particular à Pós-Graduação. Dessa atividade intelectual surgiram, entre outros, livros como *Introdução à Edótica; Normas gerais para os trabalhos de grau*, opúsculo obrigatório, ainda hoje, para quem queira escrever uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado; *Manual de versificação romântica medieval; Na madrugada das formas poéticas*; e, mais recentemente, a edição crítica de *A tuba de Calíope*, poesia de D. Francisco Manuel de Melo.

O tempo e o momento não nos permite uma análise crítica dessas obras, mas neste depoimento pessoal desejaríamos dizer que nos comoveu, abrindo esta última obra sobre a poesia do grande lírico do século XVII, encontrar a análise de alguns sonetos que estudáramos nos idos de 50, nas aulas de Literatura Portuguesa, na Faculdade. Paulo Ronai já havia lembrado, num original ensaio que escreveu, a surpresa e a comoção de retermos, adultos, um texto conhecido na adolescência escolar. Nossa emoção foi semelhante. Aquelas aulas, nos primeiros anos de faculdade, quando acompanhávamos atentos à leitura, a análise dos sonetos de D. Francisco Manuel de Melo, ficaram em nossa memória. Nela ainda ressoavam os versos de "Antes da confissão", soneto que abre a referida obra crítica:

"Eu que faço? Que sei? Que vou buscando?"

Faltaria a este depoimento, lembrar a figura de segismundo Spina em "close", em primeiro ou até primeiríssimo plano, para continuarmos nessa alegoria cinematográfica: descrever a figura do amigo. Mas para isso, precisaríamos ir além das próprias impressões pessoais, ouvindo colegas, funcionários, alunos que por muitos anos se habituaram à sua palavra, à sua orientação, à sua crítica implacável, mas também à sua verve, à última piada de seu repertório.

Este depoimento se extingue aqui, mas antes que voltemos à alegre realidade desta sessão, acode-nos à memória alguns fatos desordenados, aparentemente sem ligação com esta sequência narrativa. É que a memória, à maneira dos filmes de arte, mistura fatos presentes e passados, inverte a história, sobrepõe cenas, divaga pelas lembranças, recua e avança, deixando o espectador perturbado, porque o entendimento das cenas o desafia, pede-lhe maior reflexão e vivência sobre a exata dimensão dos acontecimentos na tela.

Anos 70. O cenário agora é sombrio, à maneira dos filmes "noir" da década de 40. É a sombra da ditadura que se abate sobre a universidade, censurada, humilhada, com suas verbas reduzidas, sem condições de ensino, em especial na área de Humanas. E, nesse ambiente de desesperança e revolta, algumas vezes se

levantaram, desafiando perigosamente o regime de opressão. Entre elas a de Segismundo Spina, um "lutador solitário", como certa vez o denominou Alfredo Bosi. Não redigiu um abaixo-assinado, nem procurou outros grupos contestatórios: era uma particularidade de seu caráter enfrentar sozinho as grandes responsabilidades e os grandes desafios. Escreveu vibrante texto crítico, dirigido ao futuro governador de São Paulo, Laudo Natel, descrevendo a trágica situação da universidade e, em particular, dos cursos de Letras. Publicado em *O Estado de São Paulo* o "Memorial da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo ao futuro governador de São Paulo" – assim se chamava o texto – surpreendeu a todos pela veemência das acusações e pela causticante ironia de certos trechos:

"A aplicação da Reforma da Universidade de São Paulo" – dizia em certo momento – "que se vem efetivando gradativamente neste ano de 1970, é puramente teórica se não conta com uma correspondente cobertura financeira. Assinar o diploma de uma reforma universitária é um ato muito fácil, muito expressivo e de grande efeito quando pregado perante câmaras de televisão. A sua concretização é que deveria ser motivo dessa propaganda."

A crítica se referia ao governo que terminava e eram palavras perigosas de serem publicadas no contexto ditatorial em que vivíamos. A coragem da denúncia surpreende amigos e companheiros, temerosos de represálias que, por sorte se limitaram a uma carta do então reitor, Miguel Reale. Em 1985, Segismundo Spina repetiria o ato, quando, cansado de ouvir, como todos nós da área de Letras, as promessas da nova construção, dirigiu-se em carta-aberta, também publicada por *O Estado de São Paulo*, ao Magnífico Reitor, José Goldemberg, solicitando-lhe que acrescentasse às nove metas de sua administração uma décima: a construção do prédio de Letras. Os tempos eram outros, a repercussão junto ao Reitor foi favorável, e este lhe confessou em resposta "que não tinha ciência, em todos os seus detalhes, do angustiante drama do pessoal de Letras" e recebia a carta como "uma valiosa colaboração".

Desfoquemos, finalmente, a câmera da memória, do passado de lutas, triunfos e desilusões de nosso homenageado. Voltemos de nosso "flash-back" para a tarde de hoje. À maneira dos filmes americanos para o grande público, esta é também uma narrativa que acaba bem. Termina agora, com esta casa reunida, interrompendo seus trabalhos habituais, para a agradável tarefa de homenagear um de seus mais polêmicos colaboradores. Hoje a cena é clara e alegre. Ares novos sopram na universidade. Segismundo Spina recebe nesta sessão o título de professor emérito da Universidade de São Paulo, a que faz jus.

Mas seu trabalho, Professor Spina, não está concluído. Apesar de aposentado, ainda precisamos de sua palavra, de sua orientação, de seus escritos e, acima

PRETI, Dino. Saudação ao Prof. Dr. Segismundo Spina, na ocasião em que recebeu o título de Professor Emérito na FFLCH da USP. *Língua e Literatura*, v. 15, n. 18, p. 13-19, 1990.

19

de tudo, de sua presença. A sua história na universidade, pois, não termina aqui. E outros narradores, de melhor memória, certamente virão, para recordar amanhã outros episódios de sua carreira intelectual, que ainda estão por vir. A vida, a exemplo dos filmes seriados, reserva aos seus expectadores sempre uma nova surpresa... "no próximo capítulo".

Muito obrigado.

S.P., 13/04/1989.